

Barulho silencioso

Como jovens surdos lidam com uma sociedade em que a voz é um dos principais instrumentos de comunicação

CAROLINA BARBOSA E NINA LUA

NINA LUA



Sérgio e Alan conversam em libras no ponto de ônibus em frente ao Ines, na Rua das Laranjeiras

Rua das Laranjeiras, sexta-feira, 19h. Um grupo de jovens sai da escola e se aglomera em um ponto de ônibus na mesma rua, localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro. Os adolescentes interagem animados enquanto esperam a condução para casa. Só uma coisa diferencia a turma de outros cariocas da mesma idade: eles estão em silêncio. “Nossa voz

são nossas mãos”, explica a estudante de Pedagogia Lygia Montoro, 23 anos, escrevendo em um caderninho. Os adolescentes são deficientes auditivos que estudam no Instituto Nacional de Educação de Surdos, o Ines, órgão do Ministério da Educação que completa 150 anos em 2010.

Os jovens animados na calçada estudam, namoram, vão para festas, gostam de um bar e fre-



Lygia (à direita) e os amigos bebem cerveja no bar da Rua Soares Cabral

quentam boates. Apesar de não ouvirem o som, eles percebem as vibrações e, assim, se divertem como podem. Lidiane Ferreira, 23 anos, estudante de Pedagogia do Ines, adora música. “Gosto de sentir a batida no coração”, diz. Ela também se diverte observando a expressão facial dos cantores e “lendo” as letras em seus lábios.

Um dos programas favoritos de Sérgio Machado, 18 anos, é ir a bailes funk na casa de shows Olimpo, na Vila da Penha. “Lá o som é muito alto e fica mais fácil sentir o ritmo”, conta. O pagode é outro de seus estilos musicais favoritos. Sérgio mora em Parada de Lucas, estuda no Ines desde 1999 e cursa o segundo ano do ensino médio. Nos finais de semana, trabalha como arrumador no hotel Formule 1. Sonha em ser professor. Torce para o Fluminense e, quando pode, vai ao Maracanã. Tem muitos amigos com a mesma deficiência que ele, mas também é amigo de seus vizinhos, que escutam. Acha que ainda é muito novo

para namorar: “Só gosto de ficar. Vou pensar em namoro quando tiver uns 23, 24 anos”. Gosta de convidar as meninas para irem ao cinema. O filme só precisa ser legendado. Seus preferidos são *Crepúsculo* e *Lua Nova*.

Já Thaísa Durso, 23 anos, adora namorar. Há um ano, ela mantém um relacionamento com Pedro Júnior, quatro anos mais velho, e também deficiente auditivo. De acordo com a jovem, o fato de ser deficiente auditiva não a atrapalhou na hora de arrumar namorados. No entanto, agora que está com alguém que fala a mesma “língua” que a sua, a vida está muito melhor. “O amor, a compreensão, a atenção e a paciência sempre foram mais fortes que as diferenças. Meu primeiro namorado é ouvinte e foi todo paciente comigo. Agora, estou namorando um surdo e posso dizer que estou muito mais feliz. Encaixamo-nos perfeitamente por termos a mesma ‘língua’”, conta.

Ir ao cinema é um dos passatempos preferidos



Raimundo e Érica no balcão do Café & Bar Canal 9

de Alan Gonçalves, 17 anos, colega de Sérgio no Ines. Os filmes de vampiros só perdem na preferência do jovem quando o assunto é futebol. Alan é vascaíno, morador da Rocinha, e quer ser jogador profissional. Ele namora Aline, colega de classe que conheceu quando foi estudar no Ines, no início deste ano. Antes, era aluno do Instituto Nossa Senhora de Lourdes, o Inosel, na Gávea, que atende crianças com necessidades especiais.

Inclusão?

Sérgio conta que notou pela primeira vez que não ouvia como os seus amigos da vizinhança quando tinha cerca de seis anos. Foi também nessa época que ele começou a estudar no Ines. A fonoaudióloga Russilaine Hermida afirma que a educação é um passo importante na vida da criança deficiente auditiva porque, diferentemente de crianças que ouvem, ela aprende a se comu-

nicar não em casa, mas na escola. “Ela aprende, no tratamento, alguma forma de comunicação que é priorizada, seja a linguagem de sinais ou a leitura labial. O objetivo principal é fazer com que ela interaja com pessoas e entre no mundo social. Até então, ela está fora da convivência com a sociedade”, explica.

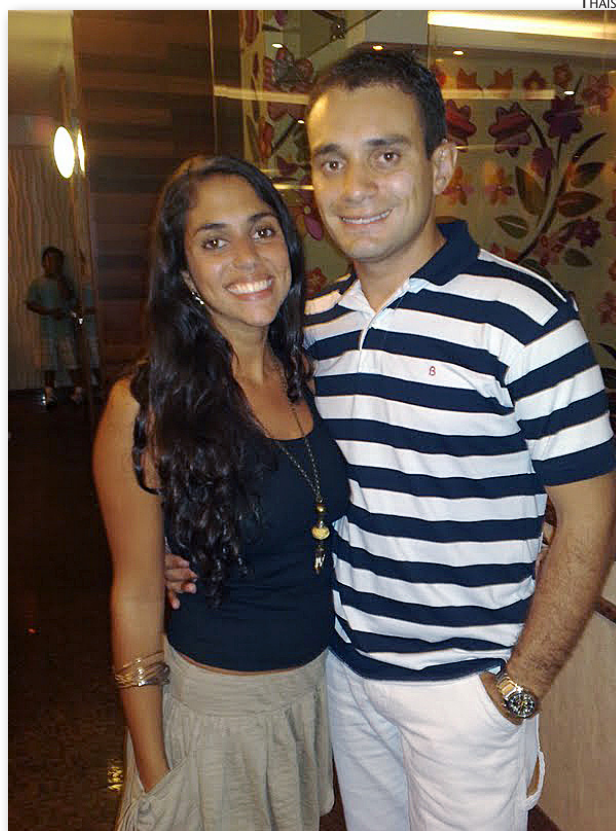
Russilaine também afirma que, embora a palavra do século XXI seja “inclusão”, muitas escolas convencionais ainda não estão preparadas para receber estudantes com qualquer tipo de deficiência, sobretudo auditiva. “É um gasto enorme preparar uma escola para receber esses alunos. Além disso, os professores não estão preparados para esse mundo novo. Eles deveriam, por exemplo, falar pausadamente na direção do aluno, para que o deficiente auditivo pudesse entender. Quando um professor anda na sala, o aluno que ouve consegue entender, mas o surdo perde todo

o conteúdo. Já os que se comunicam por libras, a linguagem de sinais, deveriam ter um professor que falasse e fizesse os sinais ao mesmo tempo. Mas isso não acontece”, diz. Russilaine lembra que, além das dificuldades normais, os deficientes auditivos ainda costumam apresentar outros problemas na hora de acompanhar as aulas em uma escola convencional. “Eles têm dificuldade para aprender concordância verbal e colocação de pronomes, por exemplo. A escrita, muitas vezes, não é perfeita, assim como a fala. O plural é outro problema. Às vezes, eles não conseguem relacionar com a palavra no singular. É aí que entra o trabalho do fonoaudiólogo, para ajudar esse aluno”, acrescenta.

Thaísa estudou em escolas convencionais particulares a vida inteira e enfrentou obstáculos para acompanhar o ritmo de algumas disciplinas. “Tive dificuldade em estudar matérias como português e geografia. Sempre passei de ano raspando”. Para não ser reprovada, a jovem contava com a ajuda de colegas de classe. “Eles sempre me ajudaram muito, me passando todas as anotações. Nem sempre eu entendia o que os professores explicavam, mas procurava acompanhar as aulas através da leitura labial”, relata. Hoje, Thaísa trabalha em uma empresa de seguros e faz faculdade de Administração a distância. “É melhor para mim estudar em casa, pois recebo o conteúdo por escrito, faço atividades e tiro dúvidas com os professores por e-mail”, justifica.

Estudante de Pedagogia, Lygia acredita que o aluno surdo é, muitas vezes, mais prejudicado que o cego: “Para os deficientes visuais, por exemplo, existem bibliotecas em braile, e eles conseguem entender o que os professores estão falando. Para os alunos surdos, não tem nada, nenhuma facilidade”, lamenta ela, que deseja estudar Jornalismo quando se formar em Pedagogia. O único problema, de acordo com ela, é onde cursar. “No Ines não tem esse curso e, em outras universidades, eu teria muitas dificuldades de entender as aulas, de me integrar”.

A dificuldade de integração se estende, na opinião de Lygia, até mesmo às relações familiares. Segundo a jovem, muitos pais não aprendem libras e não conseguem se comunicar bem com seus filhos. “Os jovens se sentem estranhos den-



Thaísa e o namorado, Pedro

tro de suas próprias casas, não criam vínculo com suas famílias, porque em casa ninguém fala sua língua”, conta.

É por esse motivo que Rafael Medeiros, 27 anos, volta aos arredores do Ines toda sexta-feira à noite. Ele parou de estudar há três anos, quando começou a trabalhar na Michelin, mas se reúne com ex-colegas no Café & Bar Canal 9, que fica na Rua Soares Cabral, perpendicular à Rua das Laranjeiras. No botequim, eles se aglomeram na calçada para trocar ideias e beber cerveja. “Eu gosto porque aqui tem gente que fala a mesma língua que eu”, afirma Rafael, escrevendo suas palavras no celular para ser entendido.

José Luiz Divol, 32 anos, é outro que não sai de lá. Ele faz mímica para o dono do bar, Raimundo Pacheco, entender o que está pedindo. Mas Raimundo, proprietário do estabelecimento há 20 anos, já entende muito da linguagem dos alunos do instituto. “Eles me ensinaram alguns sinais. O básico para me comunicar com eles eu já sei”, conta o comerciante, que diz não estranhar o silêncio dos clientes. “Quando só tem eles aqui, fica

um silêncio. Já estou acostumado. No início, eu estranhava, mas agora até sinto falta se eles não aparecem”.

Mas eles sempre aparecem. Nas segundas e sextas-feiras o encontro no bar é certo. O produto mais consumido é a cerveja. “Eles não são muito de comer, mas adoram beber”, conta Érica Santos, 19 anos, uma das quatro funcionárias do estabelecimento de 15 metros quadrados. A moça já é tão conhecida que alguns rapazes vão lá só para ser atendidos por ela. “Eles são engraçados, mas você não pode dar mole, porque eles te cantam mesmo. Já fui chamada de gostosa, bonita, já até recebi pedido de namoro”, conta, enquanto um dos clientes faz um gesto para indicar que seu coração acelera por ela, batendo a mão do lado esquerdo do peito sob a camisa. A atendente afirma ainda que pretende estudar libras para se comunicar com os fregueses.

Os dias mais animados no bar são as datas em que há festas no Ines. A agitação é certa depois do Dia das Mães, do Dia das Crianças e da confraternização de Natal, por exemplo. Quando acaba a festa, vai todo mundo para o bar. Raimundo ainda não se acostumou com as diferenças das comemorações no instituto. “A festa junina deles é um silêncio só! Mas dá muita gente”, comenta.

Voices nas mãos

Érica diz que os clientes deficientes auditivos preferem se espalhar pela calçada a sentar nas mesas dentro do bar: dessa forma, têm mais espaço para se comunicar em libras. E a conversa segue animada até o estabelecimento fechar, às 23h. “Muitos só saem quando fechamos as portas”, comenta Raimundo. Ali, eles já estão integrados ao resto da clientela, que puxa conversa como pode, fazendo gestos e falando pausadamente em sua direção. Só estranha o silêncio quem passa pelo bar desavisado.

Foi o caso do estudante da UFF Francisco Ferraz, 21 anos. O aluno do curso de Estudos de Mídia passou pelo botequim lotado e viu a movimentação, mas não escutou o barulho comum em bares cheios. Quando se aproximou mais, percebeu que praticamente todos no local conversavam em libras. “Minha primeira impressão foi de estranhamento. Por isso, resolvi levar uma câmera

e registrar aquela ‘coisa nova’”, conta. O estudante e seus colegas produziram o documentário de curta-metragem *Barulho*, de 2008.

Durante as filmagens, Francisco conta que ele e a equipe resolveram beber algumas cervejas para entrar no clima do lugar. Enquanto filmavam, foram se acostumando com a situação e aprendendo noções básicas de libras. “Quanto mais entendíamos os gestos, mais barulhento o lugar parecia. Até nossas risadas foram ficando ‘silenciosas’”, relata. “O interessante foi perceber que, apesar de aquela ser uma experiência nova, não se diferenciava em nada dos outros bares em que já tínhamos estado”, conta. Dividindo o espaço com pessoas que falavam outra língua, a equipe do documentário se integrou, aos poucos, à nova realidade. Francisco conclui: “No fim das contas, nossos gestos eram tão ‘sonoros e estridentes’ quanto palavras gritadas”.

ALFABETO MANUAL

